

Além da falta de verbas, governadores precisarão administrar as forças emergentes

Resultado das urnas dá largada para a sucessão

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — Os governadores têm, desde ontem, nova preocupação além das combatidas finanças estaduais: como enfrentar a sucessão daqui a dois anos. O continuísmo foi a característica mais importante da eleição municipal, mas não é certo que eles terão o mesmo benefício. Emergiram das urnas candidatos a seus cargos que representam expectativas e alternativas concretas de poder.

O caso mais evidente é o do Rio de Janeiro, onde o prefeito César Maia (PFL), ao fazer Luís Paulo Conde seu sucessor, passa a ser forte candidato à sucessão de Marcello Alencar (PSDB) em 1998. O PSDB e o PFL praticamente empataram na preferência do eleitorado, com 1,2 milhão de votos cada. O quadro se complica com o desempenho do PDT, que apesar do desgaste do brizolismo chegou aos 900 mil votos — além dos 700 mil dos petistas.

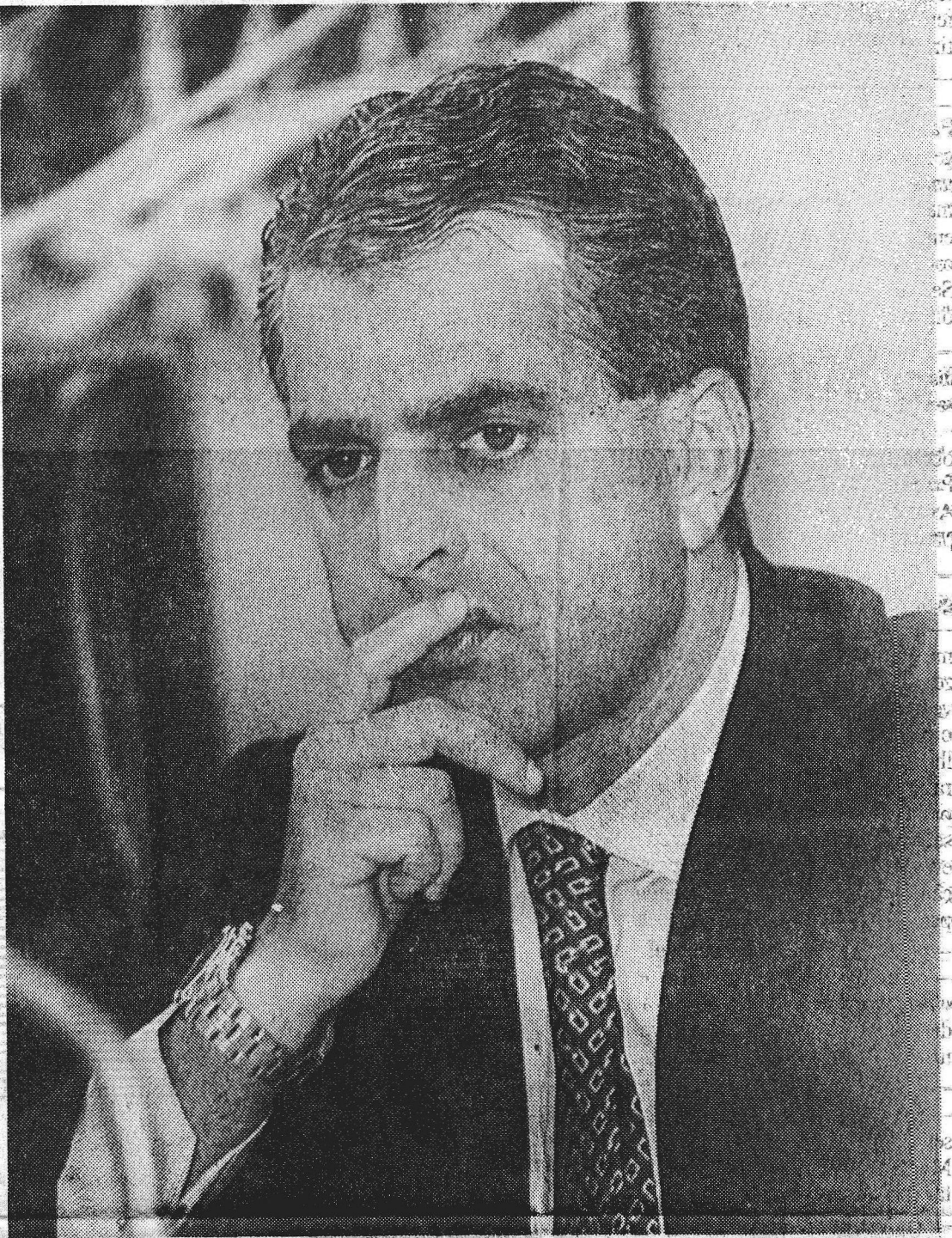
O cientista político Bolívar Lamounier acredita que “não dá para fazer uma leitura homogênea de um nível para o outro” (do municipal para o estadual), mas os resultados são parâmetros iniciais da inserção dos partidos e da imagem que representam na sociedade. O prefeito Paulo Maluf, por exemplo, fez mais do que eleger Celso Pitta na capital paulista. O seu partido, o PPB, foi o mais votado em São Paulo, com cerca de 3,3 milhões de votos.

Se não aventurar-se na sucessão presidencial, Maluf é forte candidato à sucessão paulista. O PSDB fez cerca de 2,5 milhões de votos e para ser competitivo depende de o governador Mário Covas deslanchar sua administração. O governador Eduardo Azeredo, que não gosta que questionem o desempenho do PSDB mineiro, também não tem motivos para estar tranqüilo. O seu partido, com a mão do ex-governador Hélio Garcia em Belo Horizonte, fez cerca de 1,2 milhão de votos.

O PMDB, do ex-governador Newton Cardoso, não ficou atrás: fez 1 milhão de votos, ajudou a eleger Célio de Castro e administrará Contagem e Juiz de Fora. O PT e o PSB juntos, que podem apoiar uma eventual candidatura do ex-presidente Itamar Franco, obtiveram 900 mil votos. O PSDB foi o partido mais votado, mas seu desempenho ficou aquém do esperado nos estados que concentram mais da metade do Produto Interno Bruto brasileiro. “Os tucanos não conseguiram capitalizar o real”, diz o cientista político Paulo Kramer.

Sem rival — Mais convincente foi o desempenho do grupo político do senador Antônio Carlos Magalhães. O PFL fez 1 milhão de votos na Bahia. Suas linhas auxiliares (PPB e o PTB), somadas, fizeram mais 600 mil votos. Com as finanças equilibradas e um candidato de peso, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL/BA), tem tudo para suceder o governador Paulo Souto. As chances da oposição, se é que existem, dependem de uma pouco provável aliança do PSDB, do PMDB, do PDT e do PT.

O governador Miguel Arraes, mesmo com o PSB derrotado no Recife, sai com força para 1998. O partido alcançou 573 mil votos e conquistou 79 das 184 prefeituras do estado. O PFL, que elegeu o deputado Roberto Magalhães para a prefeitura de Recife, foi o parti-



Votação do PFL e aliados fazem de Luís Eduardo a maior força da sucessão baiana

do mais votado, com aproximadamente 650 mil votos. Mas nem por isso o atual prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos (PMDB), que tem o apoio dos pefelistas para o governo estadual em 98, pode comemorar. A sucessão será dura e, se houver reeleição, Arraes pode ser considerado o favorito.

Arranhões — O PSDB foi o partido mais votado e o terceiro no número de prefeituras conquistadas, mas o governador Tasso Jereissati (CE) é outro dos caciques do partido que saiu arranhado do pleito. Os tucanos não apenas perderam a prefeitura de Fortaleza como também fizeram menos votos do que o PMDB no estado. O placar foi de 661 mil contra 590 mil em favor dos peemedebistas. Tasso, o “galeguinho dos olhos azuis”, tem a seu favor um estado com as finanças equilibradas, seu carisma e um candidato forte à espera: o ex-governador Ciro Gomes.

Outra sucessão que deve ser bastante complicada é a do governador Antônio Britto (PMDB), no Rio Grande do Sul. O PT venceu

as eleições em Porto Alegre no primeiro turno e pode comandar também o município de Caxias do Sul. O PMDB e o PT fizeram praticamente a mesma votação no estado, cerca de 700 mil votos. Britto, que está lutando para sanear as finanças do estado, tem a seu favor a aliança com o PPB, cujos candidatos às prefeituras fizeram 600 mil votos.

No Paraná, o governador Jaime Lerner saiu mais forte do que nunca destas eleições. O PDT fez cerca de 850 mil votos e o maior número de prefeituras (110). A favor de Lerner há também o desempenho de seus tradicionais aliados — o PPB, o PFL e o PTB —, que juntos fizeram cerca de 700 mil votos e conquistaram 125 prefeituras. Lerner, que pode ser candidato pelo PDT à presidência da República, caso não seja aprovada a reeleição, administra um estado com as finanças equilibradas. Os seus principais adversários, o PMDB do senador Roberto Requião e o PSDB do ex-governador Álvaro Dias, tiveram cerca de 330 mil e 530 mil votos, respectivamente.